

VILÉM FLUSSER

Do olhar vienense.

Cena: Parque da Cidade. Tempo: Tarde ensolarada de junho, 1971. Dramatis personae: burgueses sentados em cadeiras e bancos. Enredo: Gente passa pelos sentados, (acompanhada e embalada pelas ondas de um "Danubio azul" mais ou menos bem executadas), sem ser percebida pelos sentados nem como gente, nem sequer como objetos em movimento.

Embora seja impossivel querer descobrir um sentido em tal teatro do absurdo, e possivel querer interpreta-lo. Para tanto torna-se necessario descrever mais perto o olhar dos sentados e compara-lo com outros olhares. Quem passa pelo Parque da cidade, (ou quem o percorre ou por ele passeia), aparece no horizonte do campo visual de um dos sentados e provoca uma das tres reacoes nesse campo: o olhar se desvia e fixa por exemplo um paria, ou o olhar passa atravez a gente e a torna transparente, ou o olhar se torna vazio e a gente passa por abismo. Raras vezes surge uma quarta variante do tema do aniquilamento, ainda mais nefasta: o olhar nao prevenido cruza com o olhar da gente e precipita-se, fulminado, rumo ao colo do sentado. Pois nao se pretende negar que tal olhar e contraditorio nao apenas no Parque da Cidade de Viena, e que em tal Parque olhares de outro tipo sao igualmente lancados. Nao obstante ha justificativa estatistica chamando tal olhar de "olhar vienense".

Ha outros tipos de olhares, e entre eles os seguintes: o olhar amoroso que se dirige ao outro, o olhar odioso que penetra o outro, o olhar cubicoso que envolve o outro, o olhar medroso que espia o outro, e tais olhares, (e semelhantes), podem ser classificados como "olhares para o outro". E tipos de olhares ha, como o olhar surpresa, o admirador, o apreciador, o divertido, o interessado e o examinador, (para dar alguns exemplos), que podem ser classificados como "olhares para o outro coisificado". (Receio que o olhar que estou dirigindo ao olhar vienense pertence a essa classe). O "olhar para o outro" atesta o reconhecimento do outro enquanto meu parceiro, o "olhar para o outro coisificado" atesta o conhecimento do outro enquanto meu objeto, e o "olhar vienense" atesta o aniquilamento do outro.

Em toda parte, (especialmente na filosofia e psicologia da existencia), fala-se na progressiva transformacao dos olhares do primeiro para o segundo tipo. A explicacao disto e obvia e esta: as disciplinas antropologicas em rapido progresso, (por exemplo: psicologia, psicofarmacologia, sociologia, economia), aumentam o nosso conhecimento do homem e dificultam o nosso reconhecimento do outro no homem; e as tecnicas delas resultantes, (por exemplo: condicionamento pelos meios comunicativos, por drogas, por manipulacao social e economica), aumentam a capacidade dos controladores de tais tecnicas em modificar o homem. A humanidade passa portanto a ser sempre mais manipulavel e menos reconhecivel, e isto explica a crescente solidao humana. Mas o olhar vienense atesta uma tendencia ainda mais radical que a da coisificacao, e tal tendencia nao parece ter sido considerada o suficiente.

VILÉM FLUSSER

O olhar atesta que ha pessoas, (os "vienenses"), para as quais o outro se tornou invisivel inclusive enquanto coisa. Atesta portanto que um novo passo pode ser dado alem da coisificacao: o passo do aniquilamento do outro sem campos de aniquilamento. Tal aniquilamento em passo de valsa equivale a um passo que abandona a historia da humanidade. No seguinte sentido: historia humana e colecao dos sofrimentos e atos humanos, e nada pode colecionar se o homem deixa de sofrer a presenca do outro e deixa de querer manipular o outro. E tambem o seguinte sentido: historia e processo, portanto exige tempo em fluxo, e nao pode fluir no tempo parado no qual estao sentados os vienenses do Parque. (Que outros mais competentes julguem se o "agora parado" dos sentados no Parque e identico com o "nunc stans" dos escolasticos, e se portanto os vienenses estao ou nao sentados no Paraíso).

Uma coisa e na entanto certa: os sentados no Parque nao contemplam. A contemplacao, a visao pura, a teoria, (o olhar invertido do místico e o olhar distanciado do filosofo), nada tem a ver com o Parque. Os sentados nao tem lazer, (no sentido de "schole"), apenas passam o tempo no Parque. Podemos dizer que esperam, (por Godot ou pela morte), desde que se entenda por "esperar" nao esperanca e paciencia, mas mera espera. Tal espera sem esperanca e pos-historia, embora possa ser vivenciada pelos proprios sentados no Parque como volta ao passado, (ao Congresso de Viena ou ao utero, por exemplo). Estao sentados, cada qual por si, em suas caixas de vidro duro e transparente, quica como vanguardas da humanidade, quica como advertencia de futuro evitavel.

Se quem passa por estes sentados for brasileiro, podera vivenciar a diferenca entre humanismo e calor humano. Os sentados sao resultados do humanismo, (quica germanizado), e emanam o frio desumano que deles tomou posse. Por causa desse frio procuram o sol do parque. E tal vivencia podera provocar no brasileiro a seguinte prece: Que Deus, (ou seus varios equivalentes atuais) conserve o calor que omana do brasileiro, seja tal calor por vezes incomodo e excessivo.